

# ESTRATÉGIAS E SUGESTÕES DE ATIVIDADES MUSICAIS PARA PROMOVER A INCLUSÃO DE ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS NA AULA DE MÚSICA

## Comunicação

Ana Célia de Lima Viana  
Guri Santa Marcelina  
anacelia\_viana@hotmail.com

**Resumo:** Este trabalho trata-se de um relato de experiência vivenciado com alunos de um programa de educação musical e inclusão sociocultural em aulas de iniciação e teoria musical. Tendo em vista a grande demanda de alunos com necessidades educacionais especiais torna-se necessário um olhar mais cuidadoso para o aprendizado destes alunos. Visando a participação e o aprendizado deles procurou-se adaptar atividades e buscar estratégias onde fosse possível a participação de todos os alunos. As atividades são relacionadas ao conteúdo programático de aulas de iniciação musical e teoria, compreendendo tópicos como propriedades do som, figuras rítmicas, notas musicais, claves, entre outros. Como resultado desse trabalho percebe-se maior engajamento dos alunos com necessidades educacionais especiais nas atividades propostas e com seus colegas de classe, criando-se um ambiente inclusivo de respeito mútuo.

**Palavras-chave:** educação musical, educação musical especial, práticas de ensino.

## Introdução

Como professora de música venho tendo contato com uma grande diversidade de alunos há um certo tempo. Tenho experiência com alunos de diversas faixas etárias, de diversas classes sociais e em diversos contextos: aulas particulares, escolas, escolas de música, faculdade e ONGs.

Atualmente trabalho em um projeto social de educação musical e inclusão sociocultural voltado para crianças e jovens na cidade de São Paulo. Ao longo de quase dois anos neste trabalho venho me deparando com diversos desafios. Um deles trata-se da inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais (NEE). Refiro-me a esse assunto como desafio pois muitas vezes é complicado ensinar música em uma classe com mais de 30 alunos e ao mesmo tempo atender às necessidades daqueles que não estão acompanhando o conteúdo conforme o restante da classe.

Deste modo, faz-se necessário um olhar mais cuidadoso para o aprendizado destes alunos: Quais suas habilidades e limitações? O método e materiais utilizados estão sendo eficientes? Estes alunos precisam mesmo acompanhar o ritmo de aprendizado da classe? Como acompanhar o aprendizado e favorecer a participação destes alunos de uma forma global?

Frente tais questões, este trabalho tem como objetivo apresentar algumas sugestões de atividade e estratégias de ensino para ajudarem o professor na inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na aula de música.

### **Alunos com necessidades educacionais especiais**

Ao longo deste trabalho irei utilizar o termo “alunos com necessidades educacionais especiais (NEE)”. Estes alunos, segundo a Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009, são aqueles referidos como alunos público-alvo do Atendimento Educacional Especializado:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade (BRASIL, 2009, p1).

### **Música e deficiência**

A música é uma atividade que proporciona diversos benefícios para quem a pratica. Tais benefícios vão além do prazer sensorial de ouvir música ou da aquisição de habilidades técnicas musicais. Ela favorece o desenvolvimento de diversos outros aspectos, tais como comunicação, interação social, autoestima, concentração, trabalho em equipe, criatividade,

expressão, imaginação, interpretação, tônus muscular, linguagem entre tantos outros (BIRKENSHAW-FLEMING, 1993; KOELLREUTTER, 1998 apud BRITO, 2001).

Porém, é importante ressaltar que o trabalho do professor de música com alunos com NEE não se limita a um olhar terapêutico. Ao abordar o assunto “Música e deficiência”, ou ainda “educação musical especial” é comum encontrar discussões sobre musicoterapia. A prática musical realizada por pessoas com deficiência ainda é vista como uma terapia, uma forma de se alcançar outros objetivos através da música.

Ao realizar levantamento bibliográfico sobre educação musical especial, a pesquisadora Santos (2008) afirma que

Muitos dos autores propõem atividades musicais, e uma parte deles utiliza os métodos ativos da educação musical como base para desenvolvê-las, porém a maioria apresenta para suas propostas, objetivos terapêuticos e/ou reabilitativos e sociais e não educacionais/pedagógicos (p. 57).

Outra questão a ser abordada é o emprego de atividades musicais específicas para alunos com NEE. Muitos professores de música alegam falta de preparo e material pedagógico voltado para esse público específico (SOARES, 2006; SANTOS, 2008; SOUZA, 2010; MACHADO, 2012; VIANA, 2015). É importante ressaltar que muitas atividades musicais podem ser realizadas por qualquer aluno, desde que a forma de execução, a metodologia da atividade e os objetivos a serem alcançados sejam possíveis de serem realizados.

Joly (1994), em sua pesquisa de mestrado avaliou os efeitos de atividades musicais sobre o desenvolvimento da percepção rítmica e auditiva em crianças com necessidades especiais. Os participantes do estudo foram quatro crianças, com idades entre 3 e 9 anos: uma diagnosticada com Síndrome de Down, duas com paralisia cerebral e outra com suspeita de deficiência intelectual. Na etapa de levantamento bibliográfico a pesquisadora concluiu que a metodologia sugerida pelos educadores musicais estudados, entre eles Dalcroze, Willems, Orff e Kodály, é perfeitamente aplicável para qualquer criança, mesmo que a maioria desses educadores musicais não tenha dirigido suas concepções para o desenvolvimento de alunos com NEE (JOLY, 1994).

Sendo assim, trabalho adaptando atividades musicais que possam ser realizadas com a classe como um todo, e deixo claro que o objetivo do trabalho com meus alunos com NEE é o

aprendizado musical: o fazer musical como resultado do trabalho pedagógico musical, mas ainda levando em consideração os benefícios secundários que a música pode lhes proporcionar.

## **Perfil do projeto e dos alunos**

O lugar onde trabalho trata-se de um programa de Educação Musical e inclusão sócio cultural localizado na cidade de São Paulo e área metropolitana. Iniciado em 2008, conta atualmente com 46 polos de ensino e cerca de 300 professores de música. Além dos professores de música a equipe de cada polo conta com um assistente social, um monitor de polo e um agente de apoio.

Atualmente, o programa atende cerca de 15.000 alunos, sendo crianças e adolescentes de seis a dezoito anos de idade. Sendo a inclusão social um dos ideais do projeto, todos os alunos que desejam participar são matriculados, desde que haja vagas disponíveis. Sendo assim, temos um número considerável de alunos com NEE.

Atualmente trabalho em quatro polos diferentes, sendo que em um deles trabalho duas vezes por semana. O perfil de cada polo pode ser bem diferente um do outro, mas o conteúdo e metodologia são semelhantes.

Trabalho com quatro turmas de teoria e dez turmas de iniciação por semana, lecionando para aproximadamente 300 alunos<sup>1</sup>, além de um projeto focado apenas para alunos com NEE, onde atendo 16 alunos. As informações que serão apresentadas neste trabalho em relação às atividades musicais serão focadas nos alunos das aulas de iniciação musical e teoria, pois o público alvo do projeto específico para alunos com NEE têm aulas individuais ou em pequenos grupos, e alguns deles não participam de aulas coletivas.

A faixa etária dos alunos das aulas de iniciação musical e teoria varia entre 6 a 22 anos. Dos 300 alunos, catorze são diagnosticados e enquadram-se como aluno com NEE. Dentre os diagnósticos encontram-se autismo (6), deficiência intelectual (5) e Síndrome de Down (3).

As turmas de iniciação musical são divididas em dois níveis, onde cada aluno permanece cerca de um ano em cada um. Dependendo da idade e do desenvolvimento musical

---

<sup>1</sup>O número é aproximado pois os dados foram coletados das listas de chamadas. Alguns alunos das listas não são frequentes, por isso o número real de alunos pode ser menor.

nas aulas esse aluno pode permanecer até dois anos no mesmo nível.

As turmas de teoria são divididas em três níveis, onde cada aluno permanece cerca de um ano em cada um. Assim como na iniciação, o aluno da aula de teoria também pode permanecer até dois anos em um mesmo nível, até que esteja apto a ir para o próximo.

Leciono para turmas de teoria 1, que na maioria das vezes são as mais cheias. Em média, cada classe de teoria tem cerca de 35 a 40 alunos. Já as turmas de iniciação musical variam muito de polo para polo, podendo haver de 4 a 35 alunos por classe. Sendo assim, a ocorrência de alunos com deficiência é proporcional à quantidade de alunos por polo.

**Tabela 1:** Número de alunos

Polos	Total de alunos	Alunos com NEE	Classificação das NEE
A	20	0	n/a
B	40	1	Autismo
C	240	13	Autismo (5); Deficiência intelectual (5); Síndrome de Down (3).

Fonte: autor

## Estratégias e sugestões de atividades

As atividades relatadas a seguir foram realizadas em aulas de iniciação musical 1 e 2 e teoria 1, onde os alunos encontram-se em um nível inicial do aprendizado musical. De maneira geral, o conteúdo abordado pode ser apresentado da seguinte maneira:

**Quadro 1:** Conteúdo programático das aulas

Iniciação Musical 1	Iniciação Musical 2	Teoria 1
Som e silêncio; propriedades do som (altura, intensidade, timbre e duração); pulsação;	Propriedades do som (altura, intensidade, timbre e duração); pulsação;	Proporções rítmicas (semibreve, mínima, semínima, colcheias,

proporções rítmicas (mínima, semínima e colcheias); notas musicais; leitura rítmica (notação não tradicional e tradicional).	proporções rítmicas (semibreve, mínima, semínima, colcheias, semicolcheias e pausas); notas musicais; leitura rítmica (notação tradicional); leitura melódica (introdução ao pentagrama, leitura relativa).	semicolcheias e pausas); leitura rítmica (notação tradicional); leitura melódica (claves de sol, fá e dó); fórmula de compasso (simples e composto); intervalos; acidentes.
--	---	---

Fonte: autor

As atividades foram realizadas levando em consideração as habilidades e limitações dos alunos citados acima. Portanto, de maneira geral, foram pensadas para alunos com autismo, Síndrome de Down e deficiência intelectual, mas realizadas com a classe toda.

### O ambiente e a disposição da sala de aula

- Alunos passam cada vez mais tempo na escola. Quando não estão na escola estão em outros ambientes educativos realizando atividades extracurriculares, que é o caso de muitos dos meus alunos. Para trabalhar de uma maneira mais acolhedora prefiro evitar o padrão tradicional de organização da sala de aula em cadeiras enfileiradas, mesmo em salas numerosas, onde essa organização pouparia mais espaço mas dificultaria as atividades práticas que proponho. Portanto, trabalho sempre em círculo, ou em semi – círculo. Essa disposição “melhora a interação livre entre alunos, permitindo-lhes conversarem livremente uns com os outros, e minimiza a distância emocional e física entre eles” (TEIXEIRA; REIS, 2012, p.176).
- Trabalhar em um ambiente livre de distrações é importante para que os alunos não percam o foco, principalmente alunos autistas, com transtorno do déficit de atenção e aqueles com deficiência intelectual (BIRKENSCHAW-FLEMING, 1993; GERRITY; HOURIGAN; HORTON, 2013).
- Levar para a sala de aula o material necessário que será utilizado naquele momento,

para evitar distrações e possíveis frustrações (BIRKENSHAW-FLEMING, 1993; GERRITY; HOURIGAN; HORTON, 2013).

## Gestão da aula

- É aconselhável conversar com a classe toda sobre a condição de determinados alunos (em casos específicos como Síndrome de Down e autismo, por exemplo), mediante autorização prévia de seus pais ou responsáveis. Essa conversa pode ser mediada através de filmes, vídeos explicativos, atividades sociais, roda de conversa, etc... A atividade permite que os alunos compreendam melhor a questão das deficiências e as limitações de cada colega, evitando discriminação e *bullying*.
- Evitar que os alunos fiquem isolados, inserindo-os em grupos heterogêneos em atividade em grupo. O professor pode sortear os componentes do grupo para evitar que se formem sempre os mesmos grupos.
- Procurar separar alunos indisciplinados, colocando-os próximos ou em grupos de alunos mais participativos.

## Ensino de conteúdos musicais

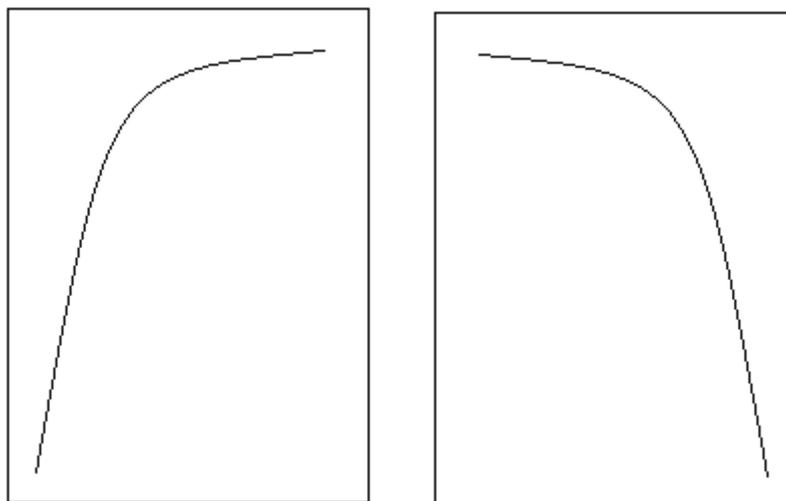
### Pulsação

- Utilizar bola para marcar a pulsação: esta atividade proporciona uma experiência mais concreta sobre a noção de pulsação, tempo forte e fraco, fórmula de compasso. O uso da bola exige que o aluno concentre-se mais e experimente a pulsação utilizando o corpo.
- Ilustrar a marcação da pulsação fazendo uso de materiais concretos (palitos, placas de E.V.A, tampinhas de garrafa, etc).
- Caminhar na pulsação: permite que o aluno experimente a noção de pulsação com o estímulo corporal.

## Altura

- Atividade: Vivo/morto. Instruir os alunos a ficarem em pé quando ouvirem sons agudos e a agacharem quando ouvirem sons graves.
- Subindo e descendo o morro: os alunos deverão grafar a direção do som que ouviu pensando no movimento de subir/descer uma montanha (ver Figura 1). Essa atividade pode ser feita vocalmente ou com uma flauta de êmbolo.

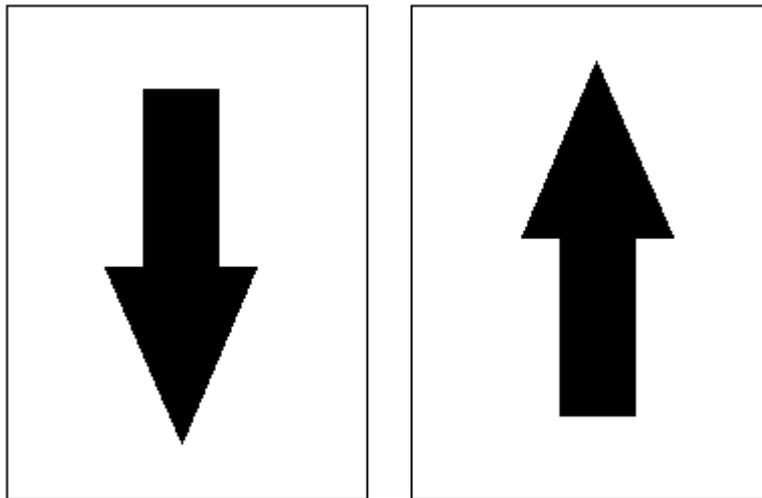
FIGURA 1 – Representação gráfica de som grave direcionado para o agudo e agudo direcionado para o grave, respectivamente.



Fonte: autor

- Outra forma de grafar estes sons é desenhando uma flecha para cima, quando o som for agudo e outra para baixo, quando o som for grave (ver Figura 2).

FIGURA 2 – Representação gráfico de som grave e agudo, respectivamente.



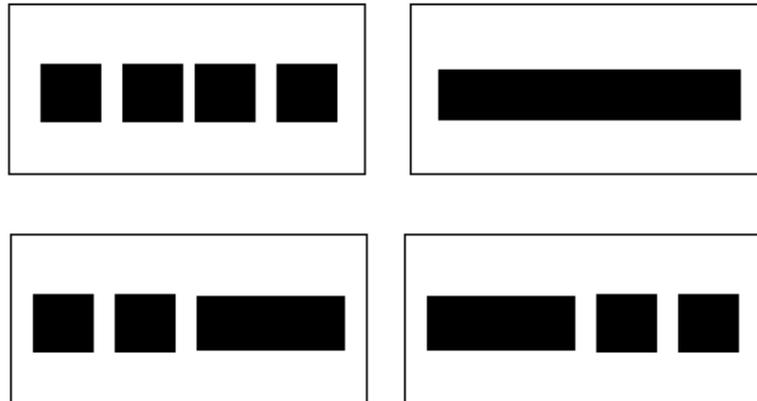
Fonte: autor

- O uso de fichas prontas que representem a grafia do movimento do som também pode ser útil, principalmente se o aluno apresenta problemas motores para escrever, desenhar ou segurar o lápis. Neste caso, o professor coloca à disposição dos alunos algumas fichas, executa o som e pede que o aluno aponte qual das fichas refere-se ao som escutado.

#### Duração

- Uso de figuras curtas e longas para indicar sons curtos e longos.

FIGURA 3 – Representação gráfica de sons curtos e longos



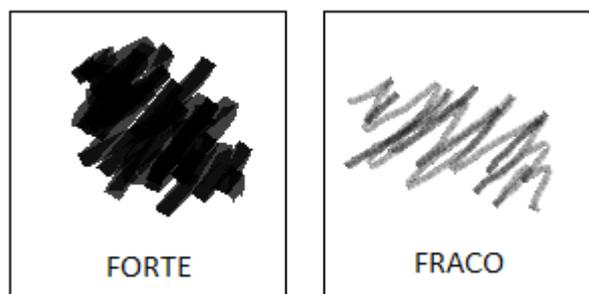
Fonte: autor

- Acompanhar um som longo ou curto com gestos diferentes, como, por exemplo, gestos longos e amplos para sons longos, gestos curtos para sons curtos.

### Intensidade

- Caminhar levemente ao ouvir um som fraco, ou pisar forte ao ouvir um som forte.
- Confeccionar fichas contendo cores fortes e fracas e relacioná-las aos sons (ver Figura 4).
- Pedir que os alunos desenhem ou rabisquem traços fortes ou fracos de acordo com o som escutado.

FIGURA 4 – Representação gráfica de som forte e fraco



Fonte: autor

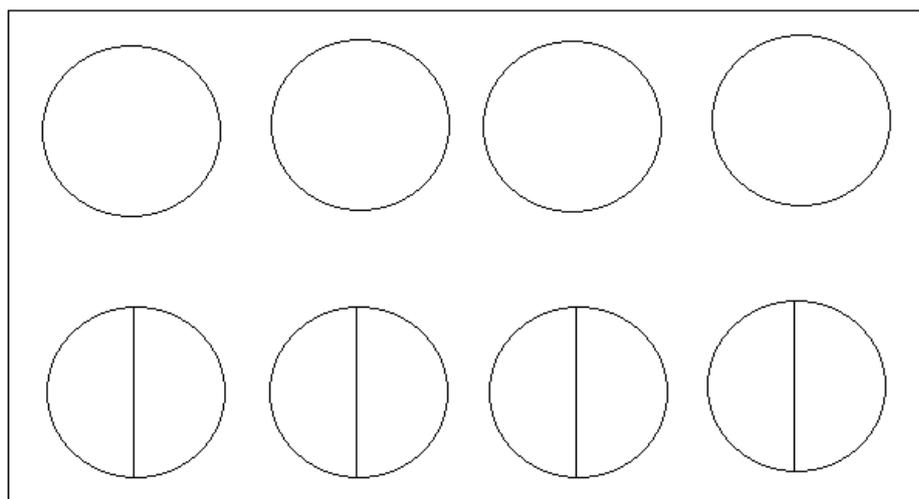
## Timbre

- Antes de trabalhar os timbres dos instrumentos é aconselhável trabalhar timbres que fazem parte do cotidiano dos alunos, como sons de animais, objetos, meios de transportes, etc. Essa atividade pode ser feita utilizando figuras referentes a cada um dos itens acima, onde a figura deve ser relacionada com o som. É possível encontrar os sons gravados em cds, buscando na internet ou ainda gravando-os. A mesma atividade pode ser feita posteriormente utilizando sons de instrumentos musicais e suas respectivas figuras.

## Figuras rítmicas

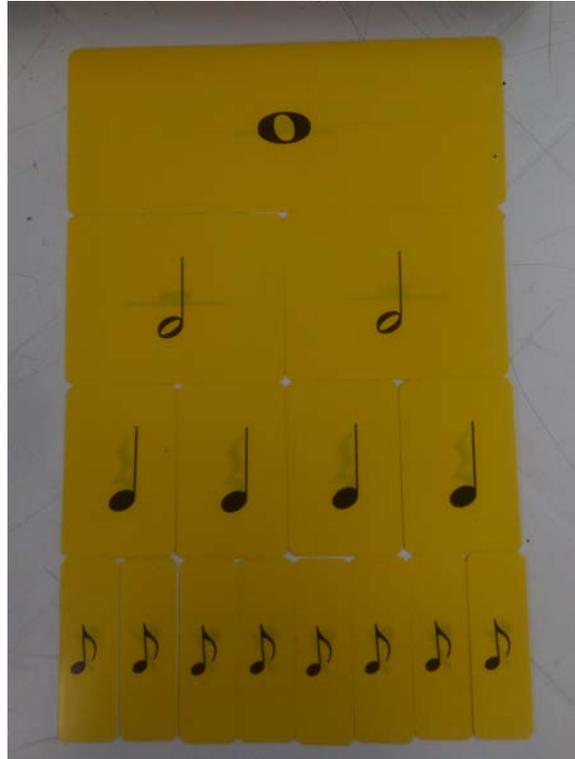
- Apresentar a noção de proporção das figuras utilizando materiais concretos. Um exemplo disso é o uso de um círculo dividido como uma pizza, onde para cada pedaço é atribuída uma figura rítmica (ver Figura 5).
- Outro exemplo é utilizar um jogo com figuras rítmicas onde cada figura apresenta um tamanho proporcional à divisão rítmica (ver Figura 6).

FIGURA 5 – Representação da proporção das figuras rítmicas



Fonte: autor

FIGURA 6 – Jogo de fichas contendo figuras rítmicas com tamanhos proporcionais aos valores das figuras

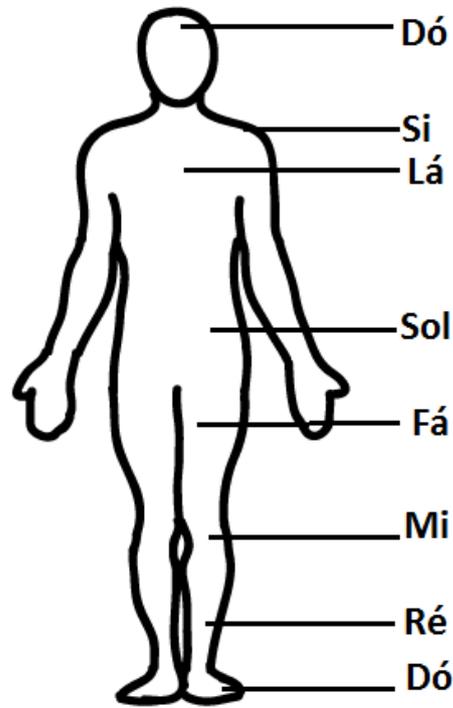


Fonte: autor

#### Notas musicais

- Atividade corporal com nome de notas: nomear partes do corpo com notas musicais, partindo de baixo para cima e fazendo o caminho contrário. Essa atividade exemplifica bem a noção de que o som vai tornando-se mais agudo ou mais grave, ajuda na memorização das notas e na localização (quem vem antes ou depois).
- Atividade em roda - passar a bola falando o nome das notas: cada aluno, ao pegar a bola, deve falar o nome de uma nota musical seguindo uma sequência. Ao trocar a direção, a direção das notas musicais também deve ser mudada.

FIGURA 7 – Atividade corporal com notas musicais



Fonte: autor

- Jogo de fichas com nomes de notas musicais (1): confeccionar várias fichas onde cada uma tem o nome de uma nota musical (ver Figura 8). Distribuir as fichas aos alunos e pedir que coloque-as em ordem (ascendente ou descendente).
- Jogo de fichas com nomes de notas musicais (2): utilizando as mesmas fichas o professor deve distribuí-las entre os alunos. O objetivo é ficar livre de fichas nas mãos. Inicia-se uma sequência falada de notas musicais, e a cada nota falada joga-se uma ficha. Quando a nota falada coincidir com a ficha jogada os alunos devem bater no monte de fichas. Quem bater primeiro ganha a rodada e os demais alunos devem dividir as fichas dos montes entre si. O aluno que bater na ficha na hora errada leva todas as fichas do monte para ele. Ganha o jogo quem ficar sem nenhuma ficha na mão.

FIGURA 8 – Jogo de fichas de notas musicais



Fonte: autor

- Apresentar as notas musicais utilizando o desenho de uma escada.

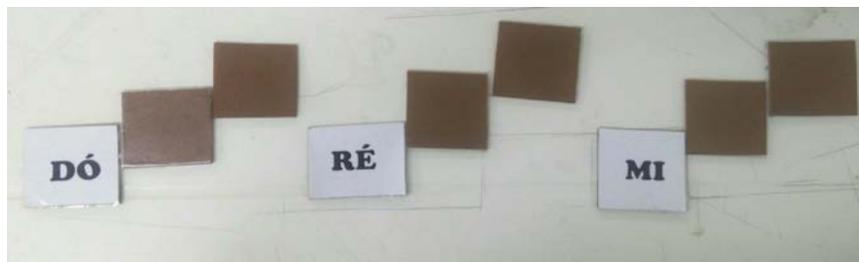
FIGURA 9 – Jogo das fichas de notas musicais organizado em formato de



Fonte: autor

- Pedir que os alunos completem os degraus incompletos. Essa atividade pode ser realizada escrita ou com fichas.

FIGURA 10 – Fichas de notas musicais configuradas em pequenas escadas a serem preenchidas

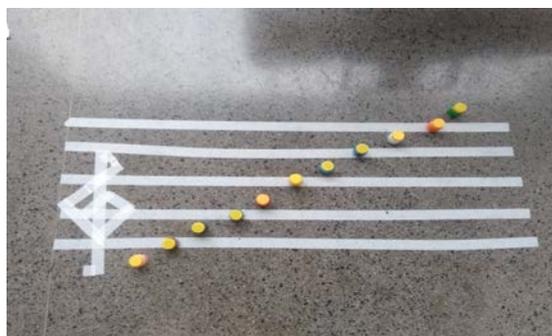


Fonte: autor

### Introdução ao pentagrama

- Fixar cinco linhas paralelas no chão utilizando fita adesiva representando o pentagrama. Utilizar materiais diversos para representar as notas no pentagrama tais como pedaços de E.V.A., cartolina, tampinhas de garrafa, etc. Pode-se começar com apenas uma linha e três notas (DO RÉ MI) e ir acrescentando as demais linhas e notas gradativamente. É importante também mudar sempre a primeira nota para as crianças irem compreendendo que a posição das notas no pentagrama pode variar de acordo com as claves, que serão abordadas posteriormente.

FIGURA 11 – Pentagrama fixado no chão com fita adesiva e potinhos de tinta representando notas musicais



Fonte: autor

- Atividade escrita: com uma, duas, três, quatro e cinco linhas, gradativamente. Colocar o

nome das notas de acordo com a primeira nota dada.

## Adaptações

- Curriculares: caso o aluno não consiga acompanhar o conteúdo planejado pelo professor, é aconselhável adaptar o currículo para ele naquele semestre ou bimestre, estipulando assim outros objetivos e formas alternativas de avaliação.
- De materiais: todas atividades citadas no item 2.3 podem ser consideradas como adaptações de materiais. Como dito na introdução, as atividades musicais são possíveis de serem realizadas por qualquer pessoa. Cabe ao professor analisar de qual maneira o aluno irá absorver o conteúdo em questão. É importante ressaltar que o uso de materiais concretos facilita a absorção de conceitos abstratos, principalmente em alunos com deficiência intelectual e autismo.
- Espaço: em casos onde haja alunos com deficiência física ou mobilidade reduzida é importante que o espaço seja de fácil acesso a estes alunos. Exemplos: salas com portas largas e acesso por rampas ou elevadores para alunos cadeirantes; sala com poucas ou nenhuma cadeira para melhor locomoção; cadeiras adequadas à altura dos alunos.
- Aulas extras para alunos com NEE: caso seja necessário e possível, é interessante acompanhar esses alunos individualmente ou em grupos menores pois em contextos onde há um número grande de alunos, estes que necessitam de maior auxílio passam muitas vezes despercebidos. Uma forma que encontramos de acompanhar mais perto alguns alunos com NEE foi criar um projeto de apoio que atende individualmente, ou em duplas, estes alunos em questão em um dos polos de ensino. Em outro, criamos uma aula extra para realizar atividades relacionadas à aula de teoria e visando o contato social dos alunos com NEE.

## Considerações

As atividades aqui apresentadas foram formatadas para garantir a participação de todos os alunos, e não apenas aqueles com NEE. Atividades que contemplam toda a sala fazem com que os alunos sintam-se acolhidos, pertencentes a um grupo. Os alunos que não

apresentam deficiência têm a possibilidade de aprender a conviver com as diferenças, tornando-se menos preconceituosos e mais compreensivos.

Tenho notado bons resultados referentes à participação dos alunos com NEE nas aulas. Alguns deles, muito inibidos, não participavam das atividades práticas (como solfejo e improvisação rítmica, por exemplo), talvez por medo de se exporem ou por não entenderem a atividade. Após um tempo esses alunos vêm apresentando bons resultados na questão de participação, embora nas atividades que exigem maior resposta cognitiva ainda há muito para se trabalhar.

Creio que seja válido ressaltar e acrescentar alguns pontos importantes de serem lembrados ao se trabalhar em classes onde haja alunos com NEE:

- Muitos alunos precisam de um tempo de resposta maior que a média, portanto, repetir atividades e dar a eles esse tempo é essencial para obter resultados positivos.
- Muitas vezes a maneira como a atividade está sendo realizada não é a mais adequada para determinados alunos. Procurar novas formas de se ensinar um mesmo conceito é uma estratégia interessante para encontrar o melhor caminho de se atingir os objetivos traçados.
- Nem sempre é possível alcançar os objetivos esperados com os alunos com NEE, portanto creio ser importante buscar novas alternativas e compreender as limitações de cada aluno. Paciência é fundamental.

## Referências

BIRKENSHAW-FLEMING, L. **Music for all: teaching music to people with special needs**. Toronto, Canadá. Gordon Thompsom Music, 1993.

BRASIL. Resolução nº. 4, de 22 de outubro de 2009, Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica - modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União. Brasília: SEESP, 2009.

BRITO, T. A. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

GERRITY, K. W.; HOURIGAN, R. M.; HORTON, P. W. Conditions That Facilitate Music Learning Among Students With Special Needs: A Mixed-Methods Inquiry. **Journal of Research in Music Education**, v. 61, n. 2, p. 144-159, 2013.

JOLY, I. Z. L. **Aplicação de procedimentos de musicalização infantil em crianças deficientes**. Dissertação de mestrado. São Carlos: UFSCar, 1994.

MACHADO, D. **A Educação Especial na formação e na formação e na prática pedagógica do professor de música**. Trabalho de Conclusão de curso. Florianópolis, UDESC, 2012.

SOARES, L. **Formação e Prática docente Musical no Processo de Educação Inclusiva no de Pessoas com Necessidades Especiais**. Dissertação de mestrado. São Carlos, UFSCar, 2006.

SOUZA, C. S. L. **Música e Inclusão: Necessidades Educacionais Especiais ou Necessidades Profissionais Especiais?** Dissertação de mestrado. Salvador, UFBS, 2010.

SANTOS, C. E. C. **A Educação Musical Especial: Aspectos Históricos, Legais e Metodológicos**. Dissertação (Mestrado em Música). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2008.

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A Organização do Espaço em Sala de Aula e as Suas Implicações na Aprendizagem Cooperativa. **Revista Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 162-187, mai./ago. 2012.

VIANA, A. C. de L. **Um Proposta de Capacitação na área da Educação Musical Especial**. Dissertação de mestrado. São Carlos, UFSCar, 2015.